

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ - EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADES:
PRÁTICAS, POIÉSIS E REINVENÇÕES UTÓPICAS PARA A
(TRANS)FORMAÇÃO HUMANA**

***DOSSIER PRESENTATION – EDUCATION AND SPIRITUALITIES:
PRATICES, POIÉSIS AND UTOPIC REINVENTIONS FOR HUMAN
(TRANS)FORMATION***

Aurino Lima Ferreira¹
Djailton Pereira da Cunha²
Nadja Maria Acioly-Régnier³
José Diêgo Leite Santana⁴

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professor Associado IV da UFPE (Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), favela do Coque, Recife, PE. Coordenador, Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia e Educação Transpessoal, (Trans)Formação Humana; Resiliência; Educação Emocional Integral; Espiritualidade Participativa Decolonial e Integral; Infâncias e Juventudes Periféricas e Amefricanas, Clínica Transpessoal. e-mail: aurinolima@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e em Ciências da Educação pela Université de Lyon – França. Mestre em Gestão Empresarial pela Associação Educacional Boa Viagem. Especialista em Intervenções em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Psicologia – Licenciatura e Formação de Psicólogo pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda. Professor adjunto da Universidade de Pernambuco, com interesse em pesquisa nas áreas de psicologia e educação transpessoal, espiritualidade, cartografia, esquizoanálise e produção de subjetividade, saúde mental e integralidade. e-mail: djailtoncunha@uol.com.br.

³ Diploma de Estudos Aprofundados (D.E.A.) em Psicologia pela Université René Descartes Paris V Sorbonne (1989) e doutorado em Psicologia pela mesma universidade em 1994. Possui Habilitation à diriger des recherches pela Université Lumière Lyon 2 - France, em 2010. Atualmente é professora titular do INSPÉ (Institut National Supérieur du Professorat et de l'Éducation de l'Académie de Lyon). Pesquisadora da Equipe d'Accueil 4571 Éducation, Cultures, Politiques e pesquisadora associada da UMR 5191 ICAR – Interactions, Corpus, Apprentissage, Représentations. Tem experiência na área de Psicologia e Educação, com ênfase em Psicologia Cognitiva. e-mail: nadja.acioly-regnier@univ-lyon1.fr.

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestre em Educação Contemporânea pela UFPE. Mestrando em filosofia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, campus Vitória de Santo Antão. Especialista em Gestão Escolar com Ênfase em Supervisão e Administração e Psicopedagogia Institucional pelo Centro de Ensino Superior de Santa Cruz – LTDA. Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira - ISEP. Interesse em estudos na área de africanidades, afrocentricidade, pedagogias de luta, corpo, relações etnicorraciais e espiritualidade. e-mail: dijsantana@gmail.com.

Duas imagens contribuem para pensarmos a educação moderna/colonial: Ulisses e Narciso. O primeiro foi o rei herói grego, destemido, virtuoso e forte suficiente para comandar e salvar outras vidas. Escolhido e protegido por Zeus, desbravou mundos e destruiu monstros. A imagem da civilidade em Ulisses é sua força e bravura que conjura qualquer diferença. Narciso, com o trancamento em si mesmo, é a imagem da exaltada valorização do ego, da individualidade. Assim, esse projeto formativo tem como valores a dominação e o trancamento em si mesmo. Implica uma experiência espiritual de hierarquização de vidas e a divisão abissal do mundo em civilização e barbárie.

Contudo, outras imagens podem contribuir para repensarmos a formação humana desde as experiências desprezadas pela modernidade/colonialidade. Essa chamada foi um convite para partilha do mundo como um caleidoscópio em que as cores se cruzam, se misturam. Nele as formas se transformam permanentemente, pois a radicalidade axiomática desse mundo é a pluralidade. Esse mundo habitável nas fronteiras, pois os centros já não importam tanto, acolhe as existências periféricas do mundo moderno/colonial. Habitam nesse mundo formas de vida categorizadas pelo gênero, raça e classe social; são vidas indignas, vidas reificadas pelo projeto civilizatório moderno/colonial.

Por isso são vidas que são disciplinadas, dominadas, exploradas, instrumentalizadas. Interessou-nos a movimentação de estudos que contemplem: a problematização da educação fundada em um humanismo eurocêntrico; a discussão da (trans)formação humana apoiada em outras imagens e poéticas não violentas; a emergência epistêmica, ética e política do pensamento decolonial na educação e sua relação com outras espiritualidades; a proposição de utopias, educações e espiritualidades que floresçam resistências e mundos mais justos e solidários; pesquisas insurgentes e insubmissas em educação e espiritualidades que transgridam os cânones coloniais da modernidade/colonialidade; repensar a (trans)formação humana e os impactos do antropoceno pela inclusão do diálogo com o extra-humano.

Em nome de uma aventura espiritual, o centro epistêmico europeu, na modernidade, “[...] vem asfixiando a quase totalidade da humanidade” (Fanon, 1968, p. 271). Ao se ver no direito de dirigir o mundo, esse centro elegeu uma forma civilizatória única. Para que seu empreendimento colonial pudesse ter êxito, a educação foi uma das formas mais sofisticadas

de conduzir esse processo. Sob a justificativa de formar humanos civilizados e evoluídos, a educação moderna/colonial esteve a serviço de uma racionalidade formal, puramente técnica e instrumental.

O capitalismo como estrutura econômica ordenante do colonialismo necessitou de mão-de-obra dotada mais de consciência – em dimensão técnica e instrumentalizada – e menos de uma consciência cósmica e integral. Resulta no empobrecimento da sensibilidade como experiência de conhecimento de si e do mundo, como modo de vida em que somos a própria Terra. Esse corpo é instrumento do empreendimento capitalista e colonial, em que pese sua potência de executar, do fazer. Corpo que abstrai o mundo, mas evita ser-com-o-mundo. Por isso ele é parte mecânica e tornado em coisa no sistema colonial. O fazer é o *ethos* e o centro do processo educativo operante dessa consciência. Então, o corpo tornou-se um elemento perigoso, pois é nele e por ele que criamos possibilidade de conexão com o mundo e com os outros seres que nele habitam. Assim, ele é apagado da educação.

Eclipsar o corpo no processo educativo moderno é um regime simbólico que estrutura uma realidade colonial. Dominar o corpo, docilizar o corpo, reduzir o corpo ao aspecto biológico são intenções da empreitada colonial no contexto educacional. Assim foi que o corpo fora mantido vivo nas colônias: para extrair dele tudo que pudesse ser produzido, tudo que pudesse ser capitalizado a partir de seu trabalho. Torna-se evidente a necessidade de não matar esse corpo colonizado e escravizado, mas de mantê-lo vivo, pois é fonte de riquezas e valores econômicos.

O sujeito da educação é um sujeito abstrato, metafísico, exageradamente cognitivista. Dele se exige mais o trancamento de si para acessar o que ele tem de mais elevado – sua interioridade, sua mente – do que sua abertura de mundo. Centrando-se nessa crítica, o presente Dossiê teve como objetivo apresentar estudos em que as espiritualidades orbitassem outras imagens de educações e escrituras de mundo para que o sujeito da educação pudesse ser desorganizado da lógica colonial.

Nesse caleidoscópio, o estudo **Exercícios filosófico-espirituais para deseducar e bem viver: habitar mundos (im)possíveis**, de José Diêgo Leite Santana, Aurino Lima Ferreira e Luís Lucas Dantas da Silva, apresenta a imperativa decolonização do conhecimento e a

promoção do bem viver como resistência à hegemonia colonial na educação. Através de uma análise decolonial como construção metodológica, os autores propõem uma reflexão sobre a necessidade de transcender a lógica do conhecimento moderno/colonial, destacando a relevância de uma filosofia insurgente que reconhece a plenitude da humanidade dos povos colonizados. Encontramos a proposta de habitar mundos [im]possíveis como uma visão que recupera a capacidade espiritual de imaginar e criar realidades alternativas.

O artigo **Escrevivência para assombrar a colonialidade do poder no sistema penitenciário**, escrito por Erbs Cintra de Souza Gomes e Dayvison Herbety Araújo Amaral, realiza uma análise pós-qualitativa do sistema prisional brasileiro, traçando paralelos entre os navios tumbeiros do passado e a prisão. Através de uma escrevivência que tece memórias, ancestralidades e resiliências, os autores refletem sobre as múltiplas camadas de uma realidade entalhada por lutas sociais, desafios educacionais e a incessante busca por dignidade. O artigo visa discutir alternativas para dismantelar a colonialidade do poder incrustada no sistema penitenciário brasileiro, enfatizando a educação como um processo vital para a ressocialização.

Pelo estudo **O encantamento da tradição do baque solto e a trans-formação do ser brincante: reinvenções em educação**, de autoria de Aurino Lima Ferreira, Márcia dos Santos Silva Gomes e Arthur Silva de Andrade, vemos diálogos reinventivos, a partir do reconhecimento das degradações das influências da modernidade/colonialidade nos processos da educação ocidentalizada. Como políticas de desencantamento, são lançadas notas de encantamento mágico-curativas-brincantes através da tradição do Baque Solto na transformação do ser brincante para engendrar modos de vida outros em educação. Os autores, movidos pelo encantamento brincante, destacam a importância de perceber a educação em seus aspectos de trans-dimensionalidade, oferecendo alternativas de conhecimento e transformação social a partir da diversidade de modos ontoepistemológicos de operar.

O estudo **Educação e ancestralidade: reflexões iniciais para se pensar em constructos de uma pedagogia ancestral**, de Otávio Augusto Chaves Brandão dos Santos, traz reflexões acerca da pedagogia ancestral como uma práxis que possibilita perspectivas ecológicas e ancestrais e que forjam uma pedagogia capaz de evidenciar diversos aspectos da formação humana. Como argumento de que o futuro é ancestral, o autor apresenta os saberes

que se voltam para a espiritualidade, a insurgência contra a desigualdade e a valorização da cultural popular como alternativas potentes contra a lógica neoliberal. Para isso, as categorias de educação popular e decolonialidade/interculturalidade são mobilizadas para análise da realidade.

No estudo **Espiritualidade na (trans)formação de professores: direcionamentos epistemológicos de uma tese no campo da Difusão do Conhecimento em Educação**, de Florêncio Reverendo Anton Neto, Dora Incontri e Hugo Saba Pereira Cardoso, encontramos uma reflexão sobre os direcionamentos epistemológicos de uma tese de doutorado que versa sobre a espiritualidade na formação de professores, a partir de uma abordagem da autobiografia de Rudolf Steiner. A espiritualidade é movida como um conhecimento, uma dimensão da vida e uma variável psicossocioantropológica que capilariza todas as instâncias do ser humano e suas práticas. Por fim, o estudo apresenta a espiritualidade como conhecimento pertinente da formação de professores, em que é tarefa de essencial importância no contexto da crise paradigmática que atravessa a sociedade e a ciência contemporâneas, de cujas revoluções é possível antever o despontar de uma Educação Transformadora.

Nesses artigos são lançadas possibilidades de horizontes, de educações e deseducações, de espiritualidades e propostas éticas sensíveis desde as periferias existenciais. Assim, convidamos leitores e leitoras à abertura de mundo por meio destes estudos que instigam outras imagens de vida.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1968.